



AZUL



ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

Redacção:

Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,
Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Pereira.

Curityba, 27 de Maio de 1900

A ARTE

A ARTE, em sua missão una e magnanima, em sua peregrina missão de *Reveladora e Conciliadora*, é nobre, é immaculada, é impecável.

Atêa os incensarios da SYMPATHIA, cujo intenso perfume de magnolia dos tropicos eleva-nos ás regiões beatificas da PAZ.

Neste fim de seculo, das e loucuras, de tos, procura, inexcetherificos elances de

Hoje, que o Homem pode crer nos dogmas giões agonizantes, — VIDA-FUTURA.

Mystica, descerra-ALEM, onde, rituallevada na sagração da Gran-sacerdotisa da

Atravez a OBRA DE tico perfume da Con-se mais e mais, sem-que se expande, — Immortalidade!



atormentado de davinervroses e desalendível, despertar-nos AMOR e de ESPERANÇA desespere, porque não profanados das reli-fez-se o arauto da

nos os sanctuarios do mente, officia, — en-Eterna Belleza, — a PIEDADE SUPREMA.

ARTE sente-se o mys-solação, accentuando-pre e sempre, até lotus-azul, — flor de

O Espirito, á proporção que entra com o Artista a mansão ideal do SONHO, vae se sentindo deliciosamente emocionado, vae se evolvendo deliciosamente, subindo com Elle, elançando-se com Elle, muito alto, muito longe, para o ALEM, para o INFINITO, para o MYSTÉRIO.

Terminada a contemplação, ou leitura, da OBRA DE ARTE, fica-nos saudade infinita dos páramos que percorremos, que perlustrámos, — o coração envolto em uma aureola de extase, — luzindo!

E nos hortos de nossa Alma desabrocha a flor mystica da ESPERANÇA.

Dario Vellozo.

Dario Vellozo

Ao traçarmos o perfil de oiro d'este luminoso artista, uma das personalidades mais brilhantes da litteratura patria, sentimos um vivo entusiasmo, nos sacudir os nervos numa profunda vibração de muito amor, pelo seu admiravel talento, pelo seu Espirito finamente aristocratico.

Sua linha de Arte? Ah! a sua linha de Arte, é o nosso sonho, é o nosso ideal muito amado, é a perfeição unica, é a perfeição absoluta, é o som, é a cor, é a luz, é o perfume, essa Arte resplandorada feita de nervos e de coração, onde a emoção predomine, fina, espiritual, muito fina, muito espiritual, como a linha exoterica da saudade, suggerindo a idea, occulta no magnifico santuario de madreperola e ouro dos symbolos triumphantes.

A Arte moderna, n'este fim de seculo doentio, atormentada pelas nevroses, torceculada pelo *Não ser* doloroso e satânico, Alma de Shakespeare, Baudelaire e Põe, um dia voltou os olhos magoados, n'um desespero afflictivo de supplica para as serenissimas regiões immaculadas do *Alem*, e leonas resplandecencias olympicas dos signos do Zodiaco, como o clarão de um sonho, a pagina mais bella de esperança e de misericordia, e sentio-se banhada de novo da essencia mystica de muita fé, e de muita luz, e de muito azul, sonho astral da alma branca do piedosissimo Verlaine.

Dario Vellozo, esse estranho e bizarro alchimista do sonho "alem de ser um Symbolista, diz o illustre mestre Emiliano Pernetta, é tambem, como todo o artista de raça, um atormentado pela nevrose incoercivel da perfeição absoluta. Trabalha no verso com a paciencia de um fakir e a crença

de um budha, e tal é o seu amor pelo raro, pelo fino, pelo inexcedivel, que, quando por acaso vacilla na sua linha hieratica, tona um clamor profundo em todo o Olympo d'oiro."

E ahi estão attestando eloquentemente o brilhantismo do magnifico Espirito paranaense, as suas obras, sim paranaense, se elle o não é pelo berço, temos plena convicção, e oh! como isso nos enche de orgulho, o é pelo coração. Aqui debaixo do mesmo céu, que nós vio abrir os olhos para a vida, sentindo connosco, amando connosco a natureza opulentissima e fidalga da terra paranaense, a sua lyra de ouro, vibrou primeiro.

Qual de entre nós, tem elevado mais alto, que Dario Vellozo, o nome do Paraná intellectual?

Ahi estão as suas obras, *Esquifes*, onde a arte requintada, estremece dentro da mais requintada opulencia, onde avultam paginas fulgurantes com as do *Retrato*, magnifico estudo de fina psychologia; *Alma Penitente*, por cujas paginas, que nos permita ainda o insigne mestre Emiliano Pernetta, a transcripção do trecho de seu bello estudo sobre essa obra, "derramouse o rhythmo novo da Decadencia. Esse rhythmo condemnado, como a muzica de Wagner, florescido no espirito de um grupo de poetas malditos e enfermos, cansados dos velhos processos, ha de ser o verso do futuro. Sim, esse complicado rhythmo dissolvente tem o dom de pintar o vago das cousas, de evocar por meio de sons, atravez da cadencia muzical de simples assonancia, as nuanças mais indefinidas das nossas sensações, a sombra de uma sombra, o sonho de um sonho.... E' o verso do Symbolo, do Magismo e do Mystério.... E' o verso das Trovas, das Cantilenás, da Cavallaria. Será com o prestigio d'esse novo rhythmo

que da podridão intellectual da nossa Decadencia — unica época realmente artistica — ha-de florescer a maravilhosa Renascença Moderna — mystica, cavalleiresca, cancionaria e primitiva. Para esse sonho, onde estrophes — broqueis cobertos de louro — irão florear toda uma resurreição de bellos seculos, sinto que caminha o singular vidente da *Alma Penitente*. Esta obra é um traço profundo, um sulco de luz mina-

do nesse novo e admiravel Paiz do Miraculoso." *Althair*, dulcoroso poema, vastissima cathedral opulenta de sonhos estrelleados, oiro e azul, nervos e coração.

E, que o glorioso artista da *Alma Penitente*, não veja na estreitesa do perfil que traçamos, mais que uma humillima homenagem de quem sabe admirar os seus altos dotes Espirituaes.



retrato da morta

A Macedo Filho

I

Nua mudez do salão onde um pezar immenso
Sobre os moveis esvoaça — em frente áquella porta,
Ha um retrato sombrio á parede sùpenso,
E o luar bate em cheio no rosto da morta.

II

Tudo alli faz sonhar uma camara — ardente;
Bailla a treva no ar, nem move um reposteiro!
A luz dos candelabros morre lentamente...
— Ah! que cheiro de flores, que exquisito cheiro!

Tudo alli vem dizer que p'ra um paiz distante
Ella agora partio, foi morar n'uma estrella.
E a partitura aberta ao luar, a cada instante,
No teclado pergunta em vão: — Onde está ella?

Onde está? que de nós ausente o seo aroma
Já não anda pelo ar como o bafo das rosas,
E o sabor fugitivo lembra de uma poma,
E a languidez de um sonho de azas mysteriosas?

Onde foram seus olhos grandes como a Noite?
Onde foram? pergunta o luar abrindo os braços;
E no quadro os procura e beija-os com affeito,
(A moça morta ri-se e fecha os olhos lassos...)

Onde foi sua voz de prata? — diz o piano
Ouço os cysnes cantar, mas só um se calou —
Como a voz das Nereidas no fundo do Oceano,
Como a nota final das scismas de Gounod.

Eis o espelho suspira: Em meo crystal polido
Banhou-se uma visão, e hoje não mais affagô-a;
Só me resta de outr'ora um phantasma perdido,
Vago como o perfil de um remo dentro d'agoa.

— Porque tardas assim? chora a poltrona amiga
Estendendo-lhe os braços: Vem! não tardes tanto!
Deixa-me te embalar cantando essa cantiga
Que eu te ouvia cantar embargada de pranto!

III

Onde foi? Eu tambem, á velha sala, indago
E espero, abro a janella em vão... Em frente á porta
Um retrato sorri com um sorrir tão vago! —
E o luar bate em cheio no rosto da morta...

Rio, Novembro 1899

Henrique Netto.

Estrella Morta

A Hipólito Pereira

Outr'ora, pensamento alado,
flammulas tremulando ao
vento norte quente, muito verdes,
respirando fragrancias doces de
alvoradas e rosas, elle passava,
cantando e rindo, caminho do Ideal
em fóra...

Prata e ouro friturados pelo
ether aromatisado e calmo, rebri-
lhando sob a scintillação d'um
Céo de outono, coróavam a sua
Estrella, que passava na alacri-
dade sadia da sua Edade de ouro.

Fitas de luz sanguinea estile-
teando o circulo chrystalino da
praia rutila, Symphonias divinaes
sobre volatas doces, muzica thre-
nada de auroras do Oriente, for-
mavam alas, tremulando flammu-
las muito verdes, quando elle pas-
sava respirando fragrancias doces
de alvoradas e rosas, cantando e
rindo, caminho do Ideal em fóra...

E foi, e foi, festejando a sua

Estrella atravez das sombras e
dos sóes e dos luares chimericos
do seo Sonhar feliz.

E foi.... Céos e estrellas se
eternisavam em festa, apotheo-
sando Auroras e Luares, n'uma
fulguração viva e doce de Sym-
bolos e de Amor.

Depois, chimericos bandolins
trinaram muzicas novas de me-
lancholias e sonhos, mais ternos
e doridos.

Não havia mais aromas pelo
ether, nem scintillações de céu
de outono, e o caminho, outr'ora
tão luzidio e alacre, enchia-se de
urzes barbaras e causticantes ra-
jadas de tristezas.

Elle, o cavalleiro bizarro, não
mais sorria para a sua Estrella
maga nem respirava fragrancias
de alvoradas e rosas.

O céu abriu-se então em pran-
to fundo e lagrimas de dôr hu-
mideceram suas flammulas cô-
de malvas desbotadas....

Generoso Borges.

« Dona Amelia »

Ao Juca Fonseca



Ao vel-a, assim, lyrial e branca,
Mas branca como uma visão,
Botinha verde, tacão alto,
Como que até do proprio asphalto
Palmas nervosas ella arranca
Num grande — *oh!* de admiração!

E' a forma, é o sonho que perfuma.
Crede-me vós, com mais olor,
Mais chiquismo não ha nenhuma!
O' D.^a Sol! Quando ella, passa
Alva de luz, cheia de graça,
Murmuram todos: E' uma flor!...

Fez annos, hontem, esse lyrio,
Que é a tua gloria, é o teo delirio,
Teo sonho bom, tuas canções...
Verso, que nunca me desthrona,
Eia! Levanta um *toast* á dona
De tantos, tantos corações!

17 de Maio

Evaristo Péretta.

Em claro...

Ao Santa Ritta Junior

Essa que as vezes, tão alta e
tão rainha, toda de branco,
em brancas noites constelladas
passava por elle sem sentil-o per-
to, fluctuando, deslisando resplan-
dorada e feliz era, por uma inver-
são curiosa, o alvo de todo o seo
odio inveterado e rudo como fôra
outr'ora a stella fulgida das suas
longas e amorosas scismas.

Não podia mais vê-la sem que
os seus nervos alarmados, insof-
ridos, se convulsionassem n'uma
avidez louca de vingança, tendo
elle de domal-os, vencendo-os,

seffreando, á um tempo, o desejo
brusco e impetuoso que vinha-lhe
de provocal-a, ao ruido de gran-
de escandalo, como se faz a um
adversario cobarde, esbofeteandoo.

E elles agora eram inimigos
declarados, irreconciliaveis, dois
rivaes feroces, em duello fatal,
cruzando e entrecruzando rijas es-
padas sanguinolentas e destrás...
Nunca mais a Concordia os re-
uniria sob o largo pallio imma-
culo da Paz, elle ao menos assim
pensava desde que ella o fizera
abandonar o mais adoravel de to-
dos os camaradas, e saudoso com-
panheiro de tantas e tão delicio-
sas orgias o Luar, outro bohemio
como elle mais pallido, talvez
e mais devasso, o Luar, o me-

nestrel eviterno, lyra de prata em punho, sonindo, capa de opala aos hombros, flammulando...

Ah! quando lembrava-se desse confidente jovial e inspirado que tinha sempre nos labios exangues threnos de amor e gargalhadas de luz, como o seo odio por ella se envenenava, se quintessenciava, e quantas recordações bizarras, corporisando-se erguiam-se estyleteando-o, enchendo-o de uma saudade esmagadora e funda do despresado amigo!

Porque elles haviam sido amigos francos, extremados, inseparaveis! Todas as noites descendo do seo palacio azul alteado nos paramos sidereaes das Rutilancias, vinha o desterrado nostalgico e somnambulo — sombra extranha projectando, sombra que galvanizava as altas torres cathedralescas! — bater de leve á veneziana verde de sua thebaida friorenta e nua, esgueirando-se pelos frisos, espiando curioso, enfiando por entre elles os dedos tysicos e claros, alegremente tamborilando como si fôra bardo antigo á tiorba junto ao balcão em flor da doudivanas morgadinha esvelta. E elle, mal percebendo as pancadinhas mansas, com que tumulto! com que alvoroço! erguia-se, atalhoadamente — livros rolando — para avisal-o, blandicias na voz, — que esperasse um instante... era um momento só... queria apenas signalar, um lyrio de permeco, a pagina suspensa antes de encetar as deambulações vadias... Depois juntavam-se e, risinhos, despreoccupados, lá se iam, estrada á fóra, trilhando varzeas e descampados á toa, até horas mortas, ermas horas soturnas, um trauteando endeixas ás virgens sonhadoras, outro scherzando serenata de estrellas aos passaros adormecidos... E vagavam, vagavam e assim, edenicamente, erraram por bastos annos

engrinaldados e placidos. Mas, subito, quanta mudança no trovador noctambulo! Tão apprehensivo e triste, tão cheio de soluços e desfallecimentos! Nem mais floria-lhe em hymnos o sempiterno estro; não mais temblava a guitarrilha ovante! Certo soffria alguma dor, golpeava-o algum pezar profundo, mas como era usurario dessa dor ingente!. Queria-a toda para si sem partilha ou quebra, não confessando-a a ninguém, nem mesmo a elle, que era o confidente das suas magoas e dos seus mysterios... Ah! mas elle a desnudára inteira! Aquella visão que as vezes, em brancas noites constelladas, fluctuava, como apparição phantastica e maldicta, era que trazia o seo pallido companheiro atristurado e mudo. Conhecia-a bem; outr'ora também endoudecera por ella! Também curtira penas ignaes e mais dolorosas porque não possuira, como o menestrel que ali tinha o seo aberto e leal, um coração sincero onde as guardasse dentro!

Conhecia-a bem! Por ella espontára-lhe, em remotas éras, na alma enluctada, como goivos funereos — rocio crystalisado nas petalas — versos que tinham a cadencia marcha-funebre de lagrimas gottejantes...

Ah! pobre poeta, desgraçado amigo! Como devia soffrer e como andára acertado occultando-lhe tão acre e incoercivel dor! Não o criminava por isso, porque elle, embora tentasse, não teria encontrado allivios para semelhante mal e talvez houvesse, como lenitivo supremo, abandonado ao infeliz amigo para que este só, tresvairado, allucinado, louco, corresse, galopasse — cavalleiro á desfilada — atraz da trahidora visão até que afinal, desilludido e exausto, voltasse novamente ás pacificas deambulações malandras...

E fôra justamente assim que

acontecera. Desligara-se sem premeditação nem resentimentos, cheio de lastima e de piedade infinita, do saudoso companheiro das dulcíssimas vigílias calmas, deixando-o seguir, solitário e afflicto, a sombra d'Essa mesma que apoz entardecer a sua existencia inteira, ainda o perseguia roubando-lhe as afeições e a tranquillidade!

Ah! Essa — maldicta! — nem queria evocar para que seo odio não crescesse mais, não se avolumasse tanto, explodindo, porque elle agora a odiava ferozmente, com phrenesi, rancor vermelho e selvagem, desde que ella o tornára o mais desgraçado de todos os mortaes quando podia

tel-o feito o mais venturoso e invejado de todos!

Bastava que houvesse — orgulho recalcado — correspondido o seo affecto tão puro, tão sacratissimo e firme, e elle hoje ao envez de andar, desolado e só, passearia varzeas e descampados a fóra, levando-a pelo braco, narrando-lhe crimes galantes julgados nos tribunaes de amor, historias de princezas que amaram pagens, menestreis que adoraram condessas, enquanto perto o saudoso companheiro e pallido bohemio — o Luar — os seguia amavelmente, reunindo na areia clara dos caminhos os seus dois perfis n'uma silhueta só

Euclides Bandeira.

TANTALISMO

A Adolpho Werneck

Este Tedio feroz que me empolga a existencia
E commigo palmilha a mesma soledade,
Canta á noite ao luar, uma extranha dolencia
Como um requiem de dor, de magoa e de saudade.

Traja um manto real com laivos de indigencia.
— Manto ou negro burel da estamenha de um frade ? !
Trapo ! . . . Noite de horror onde fulge a demencia
E a miseria soluça um grito de orphandade.

E ao sem do monocordio extranho da loucura,
Me carrega a sonhar, me prende, me tortura,
Dá-me abraços de irmão, e me chama de amigo.

E vou assim, ó Deus! pela treva arrastando
A calceta da Dor, como Hamlet procurando
A' sombra indefinida, o derradeiro abrigo . . .

Arte de amanha

(Baclet e Lejay)

Continuação.

Que é Arte?

Existem numerosas definições; cada artista daria uma, particular, diversa das demais.

Uns representariam a Arte como a absoluta belleza, que jamais o artista attingirá, porem da qual se deve aproximar o mais possivel. Para outros a belleza absoluta seria absurdo; e só admittiriam a arte relativa, systema especial de escripta das sensações ou dos sentimentos humanos, residindo no homem, e não alem. Outros accitam a Arte como produção puramente humana, não accitando, emtanto, todas as emoções humanas como de ordem artistica; para estes as emoções se tornam bellas quando se adaptam a nosso ideal proprio que dicta algumas formulas, fóra das quaes não existe a Arte. O instincto dessas formulas póde motivar algum prazer; mas o genio só é adquirido por um perseverante estudo. Nossas pretensas formulas, exclamariam outros, são apenas odiosas grilhetas que o genio deve quebrar; sob pena de succumbir agrilhado e vencido. A Belleza não reside no homem, nem se encontra em ideaes intangiveis. Está na natureza; é preciso observá-la, e sabê-la reproduzir em sua verdade vital; eis toda a Arte! Outros artistas mais ousados nos diriam por sua vez: Para que copiar as cousas e os seres! que desapareçam perante a *Forma*! E' a depositaria do Bello. Não a notas, acaso, nesta linha, neste claro-escuro, nesta perfeita harmonia de tons, nesta brilhante symphonia de cores? — Não? — é que não sois artista!

Continua.

Henrique Netto — o vigoroso artista que aguarellou, n'uma discreta e magica profusão de claros-escuros, a deliciosa têla onde avulta o passional retrato da morta, trouxe a esta revista, por intermedio de Carlos Raposo— um dos mais amplos e magnificos espiritos da moderna geração Brasileira— as irradiações do seu rútilo e inspirado estro de Eleito. Que falle, a respeito do primoroso Poeta, o nosso distincto collaborador, o exforçado amigo do Azul — Carlos Raposo: — “Henrique Netto, autor da bellissima poesia — *O retrato da morta*—, que ahi vae, adora immenso o grande Heine. D'elle ha traduzido innumeras perolas que breve dará em livro. Da Arte tem o fidalgo e illustre Henrique Netto magnifica concepção. Perpassa, em seus versos, originaes e finos, o merencorio sopra das cousas antigas, trazendo, pela bizzarria de idéa, aos nossos olhos a figura de Edgard Poë. Imaginação rara, não desce a imagem gasta, um milhão de vezes repetida. Fidalgo poeta, raros conseguirão a elle igualar na originalidade. No — *retrato da morta* — evocando essa que se foi morar n'uma estrella, consegue vê-la como um phantasma perdido, vago como o perfil de um remo dentro d'agua. Admiravel figura, digna de Poë, Rollinat ou Baudelaire.

Essa imagem define o poeta. Originalidade de idéa, perfeição de forma, belleza de symbolo, eis os caracteristicos do verso do illustre e fidalgo Henrique Netto.

Prova do que affirmo teem os leitores nesse magistral *Retrato da morta*, joia de preço inestimavel.”

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDACÇÃO:

PRAÇA DA REPUBLICA N.4.

← “Typ. Der Beobachter” →